

Percepção de instrutores com relação aos procedimentos necessários à condução de modalidades de esporte de aventura

Perception of instructors about the necessary procedures to conduct the modalities of adventure sport

PAIXÃO JA, GEIDEL AR. Percepção de instrutores com relação aos procedimentos necessários à condução de modalidades de esporte de aventura. *R. bras. Ci. e Mov* 2018;26(2):82-91.

RESUMO: O presente estudo buscou identificar e analisar a percepção de instrutores de esporte de aventura acerca de procedimentos necessários à condução das modalidades no estado de Minas Gerais. Por meio de uma pesquisa qualitativa, foram identificados instrutores com três níveis e áreas de formação profissional: ensino médio, graduados em Educação Física e em outras áreas do conhecimento. A experiência prática como praticante foi apontada como pré-requisito para atuação como instrutor. Quanto aos possíveis impactos ambientais causados pela prática de esporte de aventura, prevalece uma visão positiva por parte dos instrutores, o que, nem sempre, condiz com a realidade. A percepção acerca dos procedimentos necessários à segurança do praticante ganhou relevo na percepção dos instrutores.

Palavras-chave: Esporte de aventura; Instrutor; Nível de formação.

ABSTRACT: The present study sought to identify and analyze the perception of adventure sports instructors about procedures required to conduct the modalities in the state of Minas Gerais. Through a qualitative research, instructors with three levels and areas of professional training were identified: high school, graduates in Physical Education and other areas of knowledge. Practical experience as a practitioner was indicated as a prerequisite for acting as an instructor. Prevails a positive vision about possible environmental impacts due to the practice of adventure sports, which, not always, is in keeping with reality. The perception of the procedures necessary to the practitioner's safety has gained prominence in the insights of the instructors.

Key Words: Adventure sport; Instructor; Level of training.

Jairo Antônio Paixão¹
Adriadne Runte Geidel²

¹Universidade Federal de Viçosa

²Universidad de Jaén

Recebido: 16/11/2017

Aceito: 10/03/2018

Introdução

O esporte de aventura vivenciado em diferentes ambientes naturais como o aquático, terrestre e aéreo suscita do praticante uma série de procedimentos específicos, se comparado aos das modalidades de esporte ditas convencionais. Essas práticas corporais, seja no âmbito da competição ou do lazer, colocam o praticante numa situação de vulnerabilidade de diferentes proporções, como quedas, colisões, escoriações, fraturas, afogamentos, congelamentos, mal-estar, entre outros¹. A possibilidade de aventurar-se parece compensar todos os riscos envolvidos nessas práticas corporais. Isso porque, a aventura se apresenta sempre carregada de risco e de incerteza e carrega seus adeptos a vivências em mundos imprevisíveis. Como ressalta Le Breton², imbuídos pelo espírito aventureiro, todos carregam dentro de si o desejo de desbravar, de desprender-se e voar com liberdade, mas as máscaras sociais da cultura e do modo de educação que os envolvem tolhem, em parte, esse desejo, fincando-lhes os pés na terra, porém as diferentes modalidades que compõem o esporte de aventura, realizadas na natureza, indubitavelmente, potencializam esses desejos.

Sob essa ótica, ganha relevo o fator risco, que se faz presente como elemento inerente ao esporte de aventura e, por conseguinte, requer do praticante uma série de procedimentos como, por exemplo, aqueles de natureza técnica, preparação física, relacionados ao meio natural, bem como atitudes ligadas à sua preservação. Infelizmente, a realidade mostra que em alguns casos apenas o emprego de equipamentos sofisticados não é suficiente para impedir um sério acidente.

Características fundantes a esta prática corporal como a relação estabelecida com os diferentes ambientes naturais, a importância que vem sendo lhe atribuída pelo movimento olímpico internacional, o espaço conquistado no âmbito da escola como conteúdo na Base Nacional Comum Curricular³, somadas às inúmeras possibilidades e valores que se agregam ao entorno de sua prática, tornam possível perspectivar o esporte de aventura como uma vertente esportiva que tem se destacado nesta contemporaneidade.

Subjacente às características que definem o esporte de aventura, é importante destacar tratar-se de práticas corporais na natureza que, em sua maioria, demanda ao praticante a condução e o acompanhamento de instrutores que detêm conhecimento e/ou domínio acerca de uma dada modalidade. Essa perspectiva tem marcado decisivamente o debate em torno do instrutor de esporte de aventura, um profissional que desempenha papel preponderante na condução de praticantes como no processo ensino aprendizagem do iniciante em uma ou mais modalidades. Estudos desenvolvidos na área têm revelado a inexistência, no Brasil, de formação oficial específica para essa categoria profissional, como ocorre, por exemplo, com os profissionais de Educação Física. A experiência pregressa enquanto praticante em uma ou mais modalidades tem sido considerada a principal, quando não o único pré-requisito que confere ao ex-praticante a denominação de instrutor de esporte de aventura⁴. Dito de outra maneira, esses instrutores se autoformam ou recebem um curso de mínima duração através de algumas confederações esportivas ou de associações internacionais certificadoras.

Essa abordagem suscita a relevância de conhecer aspectos ligados a esse profissional que se encontra à frente do processo instrucional e de condução das modalidades de esporte de aventura, bem como os saberes que se fazem necessários em sua atuação frente à referida vertente esportiva nos diferentes ambientes naturais.

A caracterização do conjunto de conhecimentos sistematizados mobilizados pela categoria profissional em que se inserem os instrutores de esporte de aventura no Brasil é uma tarefa complexa, haja vista a inexistência de entidades regulamentadoras com relação à formação oficial de instrutores para as diferentes modalidades que compõem a referida vertente esportiva.

Tendo em vista a indefinição de um perfil da categoria profissional em que se inserem os instrutores de esporte de aventura no país, o presente estudo buscou identificar e analisar a percepção do instrutor de esporte de aventura acerca de procedimentos necessários à condução das modalidades no estado de Minas Gerais, tendo em vista o nível e área de formação profissional dos mesmos.

Materiais e métodos

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo descritivo-exploratório⁵. No processo de construção e validação do instrumento de coleta de dados (questionário), foi empregada a Técnica Delphi. Trata-se de uma técnica projetiva de levantamento que utiliza uma série de questionários de forma que um grupo de especialistas (professores doutores, com experiência na área) alcance um consenso, sobre o assunto, por meio de julgamentos, sobre os itens apresentados^{5,6}. O número de fases empregadas na validação do questionário pode variar de duas a cinco, até que cada

questão receba acima de dois terços de repostas afirmativas⁶.

Seguindo as normas propostas pela Técnica Delphi, deu-se início aos procedimentos para a seleção dos professores que compuseram o quadro de especialistas. Buscou-se estabelecer contatos com esses profissionais através de seus respectivos e-mails. Dos profissionais consultados, houve apenas uma recusa em participar do estudo.

O grupo de especialistas foi composto de três profissionais com competência acadêmica na área de esporte de aventura. Todos os professores eram doutores, com formação na área de Educação Física, atuantes em universidades públicas federais no Brasil. Uma vez definido o grupo de especialistas, foram realizados os esclarecimentos sobre a pesquisa que estava para ser realizada, bem como sobre a técnica a ser empregada na validação do questionário. Desta forma, a partir de uma sucessão de pareceres, num total de quatro fases, obteve-se consenso no tocante ao instrumento de coleta de dados. O questionário possuía um total de 12 questões (fechadas) estruturado a partir da escala de intensidade tipo Likert de 3 pontos⁷. Nessas questões, o informante poderia marcar até três alternativas, em ordem de importância, que indicasse os principais motivos, fatores e procedimentos que julgasse relevantes no decorrer do processo instrucional e da prática de esporte de aventura. Dessa forma, era-lhe solicitado colocar número '1' para o principal motivo, fator e/ou procedimento; número '2' para o segundo principal motivo, fator e/ou procedimento; e '3' para o terceiro principal motivo, fator e/ou procedimento. Este escalonamento justifica-se, uma vez que, não raro, as pessoas são motivadas a realizar uma ação ou a adotar algum tipo de procedimento a partir de um conjunto de saberes experienciais com maior peso do que outros⁸, embora todos possam ser importantes. Por outro lado, assinalar até três motivos sem discriminar em termos de importância poderia revelar uma possível hierarquização dos principais motivos, fatores e procedimentos no e para o processo instrucional das diferentes modalidades de esporte de aventura. Vale ressaltar, que no processo de elaboração do instrumento, as questões tiveram fundamentação nos indicadores das categorias de saberes *preservacional-meio natural* e *presevacional-praticante*, considerados imprescindíveis na atuação do instrutor de esporte de aventura nos diferentes espaços naturais.

Preservacional - meio natural diz respeito à percepção dos impactos naturais positivos e negativos ocasionados pela prática de esporte de aventura nos diferentes ambientes naturais. Emprego do esporte de aventura como elemento para o trabalho de educação ambiental; Procedimentos adotados pelo instrutor para contribuir com o processo de preservação dos diferentes ambientes naturais. Já a categoria *presevacional-praticante* refere-se ao conhecimento das especificidades do esporte de aventura no que se refere à integridade física e emocional; Percepção do risco como elemento inerente à prática das modalidades de esporte de aventura; Conhecimento sobre o ambiente natural em que determinada modalidade de esporte de aventura é praticada e Procedimentos ligados à segurança e socorro no decorrer da prática.

Dentre os procedimentos na seleção do grupo amostral, foram realizados levantamentos junto às federações de esporte de aventura nas modalidades de escalada e trekking existentes no estado de Minas Gerais. A escolha por instrutores atuantes em Minas Gerais foi intencional, pois se trata de uma região que, em decorrência de sua configuração geográfica, possibilita a prática das referidas modalidades de esporte de aventura. Aliado a esse fato, encontrava-se a necessidade de se delimitar a amostra.

Por meio de telefonemas, e-mails e informações disponíveis nos *sites* dessas empresas, foi possível obter dados sobre os instrutores vinculados às mesmas. Constatou-se que a referida população de instrutores em empresas associadas a uma federação no Estado constituía-se de 76 instrutores responsáveis pelo processo instrucional das modalidades de escalada e trekking na região.

A partir dessas informações, buscou-se estabelecer contato com esses profissionais por meio de telefone e e-mails junto às empresas e entidades às quais eles se encontravam vinculados.

Para a coleta de dados, o referido instrumento foi inserido em formulário no Google Drive (<https://drive.google.com/>), estruturado a partir de uma mensagem inicial com informações básicas sobre a pesquisa, *links* de acesso ao instrumento de coleta de dados e ao TCLE na íntegra, bem como o endereço eletrônico do pesquisador responsável, caso se fizesse necessário o estabelecimento de contato por parte dos participantes. Os contatos iniciais com os participantes da pesquisa foram realizados a partir das redes sociais.

Os critérios de inclusão foram sujeitos que atuavam como instrutores de esporte de aventura atuantes ou que possuíam experiência nas modalidades escalada e trekking no estado de Minas Gerais, leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) na mensagem convite (*Google Drive*) e a concordância com os termos da pesquisa e o interesse em participar dela. Foram desconsideradas as pessoas que não atendiam as condições descritas.

Assim, após o período de tempo definido no projeto de pesquisa para a coleta, o grupo amostral totalizou 62 instrutores de esporte de aventura (58 homens e 4 mulheres), com idade média de 31 anos (que vai de 20 a 48 anos), atuantes no estado de Minas Gerais.

No processo de tratamento dos dados, foram considerados apenas os itens indicados como o principal motivo, fator e/ou procedimento tanto na prática como no decorrer do processo instrucional das modalidades que compõem o esporte de aventura, ou seja, aqueles assinalados com o número '1'. Esse tipo de tratamento valoriza somente os itens indicados como o principal na perspectiva do participante.

As estratégias de investigação buscaram neste estudo um equilíbrio entre o método dedutivo e o método indutivo⁹. Segundo esse autor, no método dedutivo a intenção é fazer que os dados coletados confirmem uma teoria. No método indutivo, ao contrário, a observação e análise dos dados podem facilitar a busca ou a criação de uma nova teoria para explicar os fatos. Assim, a partir da elaboração das categorias de análise, buscou-se o estabelecimento de relações de causalidade entre as ações didático-profissionais dos instrutores e os saberes necessários na condução das diferentes modalidades de esporte de aventura. Foram realizadas análises estatísticas dos dados apresentados nas Tabelas 1 e 2 a partir do Teste Chi quadrado.

No decorrer do processo de condução da presente pesquisa, foram respeitadas as diretrizes regulamentadas pela Resolução nº 466/12 da CONEP, sendo o projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto, ofício CEP Nº. 1.017.847, de 09 de abril de 2015.

Resultados e Discussão

A discussão dos resultados obtidos desenvolveu-se através da triangulação entre os dados obtidos através dos questionários aplicados aos instrutores de esporte de aventura, a bibliografia utilizada que vinha ao encontro da temática abordada e, também, as posições assumidas pelos autores da investigação em relação ao tema. Desta forma, foi possível a compreensão e discussão das categorias de análise que se encontram organizadas em três partes: a primeira busca caracterizar os instrutores participantes da pesquisa; a segunda parte busca conhecer a percepção dos instrutores acerca de possíveis impactos causados pela prática de esporte de aventura no meio natural e, por fim, a terceira parte, fundamentada na categoria preservacional-praticante, identificar a adoção ou não de procedimentos a serem necessários à segurança do praticante no momento da prática de uma ou mais modalidades de esporte de aventura.

Caracterização dos instrutores

Os participantes da presente investigação integraram um grupo amostral constituído por instrutores que se encontravam em diferentes níveis de formação. Nesse sentido, cumpre destacar que (52%) possuíam formação em nível superior de ensino em diferentes áreas do conhecimento. Os demais, (48%) informaram possuir a formação no ensino médio referente à Educação Básica. No que se refere às áreas de formação, constatou-se que 6 instrutores (19%) eram formados em Educação Física e 26 instrutores (33%) em diferentes áreas do conhecimento como Administração, Engenharia Civil, Engenharia Ambiental, Engenharia de Agrimensura, Pedagogia, Agronomia, Turismo, Fisioterapia, Psicologia e Letras.

Na sua totalidade, os participantes atuavam profissionalmente em diferentes âmbitos do mercado informal, instituições públicas, comércio e em outros segmentos da sociedade. Não foi informado nenhum tipo de atuação profissional e/ou alguma vinculação em empresas especializadas que pudesse configurar vínculo empregatício na função de instrutor de esporte de aventura. Geralmente, esses instrutores atuam em períodos específicos como férias escolares, finais de semana e ainda em eventos de curta duração em espaços como hotéis fazenda, parques e outros espaços naturais.

Esse resultado indica uma situação intrigante, visto que a análise volta-se para a categoria de instrutores que atuam em práticas esportivas de lazer e/ou competição com aventura e risco junto a diferentes ambientes naturais. A condução das atividades ligadas ao esporte de aventura no Brasil, como campo de intervenção profissional, não apresenta uma uniformidade em termos de formação e regulamentação¹⁰. Em outras palavras, trata-se de um campo de atuação em que não há a exigência de formação específica, seja em nível de formação profissionalizante ou superior, para a atuação profissional do instrutor. Parece possível afirmar que, em linhas gerais, a função de instrutor de esporte de aventura no Brasil ainda não alcançou reconhecimento como categoria profissional.

Particularmente no que refere ao sexo dos participantes, verificou-se em quase sua totalidade (93,54%), os

instrutores eram do sexo masculino. Embora haja adesão das mulheres à prática do esporte, elas se fizeram minoria que constituiu o grupo amostral (6,46%) da pesquisa em questão. Por outro lado, a literatura especializada revela nos últimos tempos um crescimento da participação feminina nas práticas de esporte de aventura¹¹⁻¹³. Esse quadro decorre de fatores tais como a relativa novidade que envolve as modalidades de esporte de aventura na natureza, de se tratar de práticas corporais que se apresentam abertas para ambos os sexos, que buscam diferentes vivências e sensações, se comparadas com aquelas percebidas com a prática das diferentes modalidades de esporte tradicional⁴. Destaque ainda deve ser dado ao fato de assoladas por um sofisticado aparato de segurança, regulador do risco a que se submetem, essas práticas esportivas realizadas junto à natureza, são marcadas por desenvolver um cuidado com o corpo, com a manutenção da aparência jovem, higiênica e da expressão de saúde e bem-estar.

Dentre os principais motivos que contribuíram para a atuação como instrutor de esporte de aventura, tendo em vista os diferentes níveis de formação, não foram detectadas diferenças significativas. Os resultados evidenciam uma estreita relação entre a escolha e atuação como instrutor e as vivências anteriores como praticante de uma ou mais modalidades de esporte de aventura. Destacaram-se ainda as características específicas dessa vertente esportiva que influenciaram positivamente na escolha profissional, como a possibilidade do contato com o meio natural, sensação do risco e fortes emoções vivenciadas no momento da prática.

Possíveis impactos causados pela prática de esporte de aventura no meio natural

Tabela 1. Possibilidades de impactos causados pela prática de esporte de aventura no meio natural.

ITENS INVESTIGADOS – F (%)	NÍVEIS E ÁREA DE FORMAÇÃO DO INSTRUTOR		
	Formação em Educação Física (n=12)	Formação em nível superior em outras áreas do conhecimento (n=20)	Formação em nível médio (Educação Básica) (n=30)
Impacto positivo	66,6%	65,0%	80,0%
Impacto negativo	33,34%	25,0%	6,66%
Não exerce qualquer tipo de impacto	----	10,0%	13,34%
TOTAL	100%	100%	100%

A partir dos resultados apresentados na Tabela 1, a análise estatística realizada entre os instrutores, tendo em vista a área e nível de formação, não foi detectada diferença significativa ($P=0,499$) entre a opinião dos instrutores de nível superior com formação em Educação Física versus com formação em outras áreas do conhecimento, tanto para possibilidades de impactos positivos quanto negativos causados pela prática de esporte de aventura no meio natural. Ao se analisar esses mesmos resultados tendo em vista os instrutores com formação em nível superior com formação em Educação Física e em outras áreas do conhecimento versus os instrutores com formação em nível médio, também não se encontrou diferença significativa ($P=0,072$), tanto para possibilidades de impactos positivos quanto negativos, causados pela prática de esporte de aventura no meio natural.

No que se refere às possibilidades de possíveis impactos que a prática de esporte de aventura poderia causar no meio natural, verificou-se que entre os instrutores, indistintamente nos níveis e área de formação, prevalece a percepção de que a prática de esporte de aventura acarreta impacto positivo ao meio natural. Essa percepção equivocada, dentro de uma proporcionalidade, abre espaço para se considerar fatores capazes de desencadear tal percepção, como a demasiada confiança e positividade em suas vivências práticas pelos instrutores, bem como a forma como geralmente são tratadas as questões que envolvem educação ambiental, lazer e ecoturismo. Sobre o possível segundo fator, Collins e Collins¹⁴ assinalam que há uma tendência em se pensar sobre atividades que propiciam às pessoas um distanciamento do espaço urbano e aproximação da natureza. No entanto, na maioria das vezes, atividades tidas como ecologicamente educativas, como por exemplo, as modalidades de esporte de aventura, nos diferentes ambientes naturais, não cumprem o seu papel.

Isso porque, após momentos de sensibilização junto à natureza, as pessoas envolvidas em atividades no meio natural, ao voltarem para o meio urbano em que vivem o seu dia-a-dia, costumam tratar com descaso o seu meio ambiente porque esse, na maioria das vezes, não é rico em árvores, cachoeiras, rios, animais, e demais elementos que são apropriados como inerentes à natureza e, portanto, dignos de respeito e bons tratos¹⁴.

O desafio, diante dessa problemática que envolve a preservação do meio ambiente e sua interface com atividades e práticas corporais na natureza, é buscar estabelecer uma forma de integração do ser humano com o seu meio ambiente urbano nos programas e/ou pacotes de lazer, ecoturismo, meio ambiente e educação ambientais oferecidos pelas empresas especializadas atuantes no país.

No que refere aos possíveis impactos negativos causados pelas modalidades de esporte de aventura no meio natural, de uma maneira geral, eles são menores que os positivos na percepção dos instrutores, resguardadas as respectivas diferenciações presentes nos níveis e áreas de formação profissional desses instrutores.

Ainda que não tenha sido detectada visível diferença estatística com relação às opiniões dos instrutores em geral, houve uma tendência em maior número de instrutores de nível superior (com formação em Educação Física e em outras áreas do conhecimento) se comparado com os instrutores com formação em nível médio, em considerarem a possibilidade de impactos negativos em decorrência da prática de esporte de aventura no meio natural.

Se por um lado pode-se lançar um olhar positivo em relação a essa interação do homem com a natureza através da prática do esporte de aventura, por outro, esse processo merece atenção, pois o crescente surgimento de modalidades esportivas que utilizam o meio natural para a sua prática, associado ao aumento do número de praticantes, resulta em uma exploração ainda maior dos fatores ambientais envolvidos no desenvolvimento dessas atividades¹⁵.

É notória a relação entre esporte de aventura e natureza, uma vez que os diferentes meios naturais configuram o cenário para a realização das modalidades do referido segmento esportivo, suscitando uma interação entre o praticante e o respectivo meio. Nesse sentido, praias poluídas, áreas verdes devastadas e excesso de poluentes lançados na atmosfera são exemplos de problemas ambientais que afetam diretamente a prática de esporte de aventura na natureza. Contudo, há que considerar as implicações decorrentes dessas atividades físicas no meio natural, pois usá-lo pode parecer conveniente e prazeroso, mas, sem os devidos cuidados, pode trazer sérios riscos de degradação e consequente ameaça à vida do planeta.

Como alerta Marinho¹⁶, nas atividades físicas na natureza, a desorganização na interação homem-meio natural pode levar à destruição dos elementos constituintes da flora e da fauna do entorno, acarretando efeitos ecossistêmicos que, em longo prazo, comprometerão determinado meio natural. Com esse procedimento, a natureza reduz-se a um mero *locus* atrativo e destinado à prática desportiva, limitando-se ao atendimento do praticante na busca de aventura, sensação de risco, vertigem, momentos de lazer, entre outros.

Tem se percebido nos últimos tempos uma crescente valorização no que se refere à natureza nos mais variados níveis: econômico, político, social, esportivo e outros¹⁶. Contudo, tal valorização tem sido alvo de inúmeros questionamentos quanto ao significado que ela tem recebido. Somado a isso, a natureza, veiculada pela mídia, parece estar sendo vendida pelo mercado de imagens e pelas indústrias de entretenimento como um mito, reduzindo-se a cada dia em um símbolo de consumo.

Como exceção dos resultados relativos aos instrutores com nível de formação no ensino médio, a percepção da inexistência de impacto sobre a natureza apresentou-se de forma insignificante quando comparada com a sua ocorrência, seja positivo e/ou negativo. No entanto, tendo em vista a não regulamentação da profissão de instrutor de esporte de aventura no Brasil - fato esse que incide diretamente sobre o tipo de formação e as competências mínimas exigidas para a atuação como instrutor - a conscientização desse profissional com relação ao aspecto preservacional do meio natural demanda atenção por parte dos segmentos sociais.

Procedimentos a serem adotados pelos praticantes visando sua segurança e integridade física

Ao se considerar que o aprendiz ou praticante se coloca em situação de risco no momento da prática de uma dada modalidade de esporte de aventura, tornou-se relevante verificar a percepção dos instrutores sobre procedimentos a serem adotados visando a segurança e integridade física dos mesmos. Os resultados obtidos entre os instrutores, tendo em vista os três níveis e áreas de formação, forneceram elementos para as algumas considerações. Entre os elementos, destaca-se o domínio da técnica das modalidades que compõem a vertente esporte de aventura.

A análise estatística realizada para o elemento domínio da técnica revelou que a proporção de respostas entre

os instrutores com formação em nível superior com formação em Educação Física versus instrutores com formação em outras áreas do conhecimento não foi significativamente diferente do esperado acontecer de forma aleatória ($P=0,375$). Ainda, tendo em vista o elemento domínio da técnica, quando se analisou os instrutores com formação em nível superior (Educação Física e em outras áreas do conhecimento) versus aqueles com formação em nível médio, também não foi encontrada nenhuma diferença ($P=1$). Esse fato se explica devido à importância atribuída à experiência prática que leva ao domínio da técnica de uma modalidade pelo praticante. Indubitavelmente, o domínio da técnica aliado a outros procedimentos adotados antes e durante a prática de uma modalidade de esporte de aventura, minimiza, sobremaneira, as chances de ocorrência de acidentes e, ainda, possibilita vivenciar as fortes emoções dentro de uma margem de controle do risco. Le Breton², ao discutir a pedagogia do risco, afirma que as experiências adquiridas e a integração gradual das técnicas pelo praticante minimizam as ameaças ou as circunscrevem a pontos onde se exerce vigilância.

Tabela 2. Elementos a serem adotados para a prática de uma ou mais modalidades de esporte de aventura.

ITENS INVESTIGADOS – F (%)	NÍVEIS E ÁREA DE FORMAÇÃO DO INSTRUTOR		
	Formação em Educação Física (n=12)	Formação em nível superior em outras áreas do conhecimento (n=20)	Formação em nível médio (Educação Básica) (n=30)
Domínio da técnica	91,67	100	96,67
Consideração do risco eminente	83,33	75	76
Checagem prévia dos equipamentos e locais de prática	83,33	55	43
Previsões meteorológicas	75	50	30
Condicionamento físico motor	100	50	---
TOTAL	100%	100%	100%

Obs: Foi considerado o percentual de 100% para cada item investigado por nível e área de formação do instrutor.

Com relação ao elemento checagem prévia dos equipamentos, a análise estatística realizada não apresentou diferença ($P=0,662$) entre os instrutores com formação em nível superior em Educação Física versus com formação em outras áreas do conhecimento. No entanto, com relação aos instrutores com formação em nível superior formados em Educação Física e outras áreas do conhecimento, evidenciou-se que a percepção dos instrutores com formação em nível superior, quanto a importância da checagem prévia dos equipamentos, foi significativamente maior do que a dos instrutores com formação em nível médio. Quanto ao elemento atenção as previsões meteorológicas, a análise entre os instrutores com formação em nível superior (Educação Física e outras áreas do conhecimento) não se encontrou diferença significativa ($P=0,267$). Entretanto, quando se considerou a comparação entre os instrutores com formação em nível superior versus os instrutores com formação em nível médio, a análise revelou diferença significativa ($P=0,024$).

No que se refere à checagem prévia dos equipamentos e atenção as previsões meteorológicas, ainda que seja perceptível a diferenciação entre o grau de importância desses elementos na percepção dos instrutores, tendo em vista os três níveis e áreas de formação, é possível afirmar que esses procedimentos ganharam relevo na percepção dos instrutores.

Trata-se de conhecimentos prévios como as condições meteorológicas, equipamentos e do ambiente natural de prática – como as características dos relevos, os possíveis locais de pouso e a potência das térmicas – são aspectos relacionados ao risco presente nos diferentes ambientes naturais (aéreo, terrestre e aquático) e, por sua vez, tais procedimentos informacionais poderão contribuir para minimizar riscos de acidentes envolvendo praticantes¹⁷.

No que se refere à percepção do risco, a análise mostrou que não existe diferença significativa ($P=0,683$) entre os instrutores com formação em nível superior, graduados em Educação Física versus graduados em outras áreas do conhecimento. O mesmo resultado ($P=0,266$) foi verificado na comparação feita entre os instrutores com formação em nível superior e aqueles com formação em nível médio. Esse resultado consensual reforça o significado do elemento risco nas modalidades de esporte de aventura como uma sensação que é inerente à própria vertente esportiva. Merecendo desta forma atenção de todos aqueles que praticam uma ou mais modalidades, indistintamente do nível de formação.

Quando considerado o elemento condicionamento físico motor, a análise realizada entre os instrutores com formação em Educação Física versus com formação em outras áreas do conhecimento, encontrou diferença estatística ($P=0,004$). Nesta mesma direção, quando se analisou os instrutores com formação em Educação Física e outras áreas do conhecimento versus instrutores com formação em nível médio, também foi detectada diferença significativa ($P < 0,001$) entre a percepção desses instrutores acerca da necessidade do condicionamento físico para a prática de esporte de aventura.

Chama a atenção que os instrutores com formação em nível médio não consideraram a necessidade de condicionamento físico motora como um dos procedimentos para a prática de uma dada modalidade de esporte de aventura. Cumpre destacar que, ao se considerar a relevância de elementos a serem adotados visando o desenvolvimento e facilitação das adaptações biológicas, qualidades físicas, estados psíquicos e habilidades motoras específicas que demandam uma dada modalidade esportiva convencional¹⁸, entende-se que, nas modalidades de esporte de aventura, esses procedimentos adquirem maior magnitude e complexidade. Tudo isso decorre das características intrínsecas ligadas a essas práticas corporais, como o risco, a vertigem, o contato homem-natureza em diferentes ambientes naturais (água, ar e terra, incluindo neste último desertos, montanhas e floresta), que, por sua vez, demandam formas específicas de condicionamento, habilidades e capacidades que o praticante precisa desenvolver.

Como foi apresentado no decorrer deste estudo, particularmente no estado de Minas Gerais, a modalidade de escalada/montanhismo é a mais praticada, devido ao relevo geográfico da região. Trata-se de uma modalidade que solicita sobremaneira a força localizada, principalmente nos membros superiores. Disso decorre maior atenção por parte dos instrutores no sentido de oferecer uma formação mais completa aos aprendizes dessa e de outras modalidades praticadas na região.

Desta forma, seja na forma competitiva ou não, as modalidades de esporte de aventura, em função da duração e intensidade com que são praticadas, caracterizam-se, em sua maioria, como atividades com predomínio do sistema aeróbico de produção de energia¹⁹. Entre os aspectos (trabalho aeróbico, força, adaptação motora, climática, manipulação de equipamentos, entre outros) que merecem atenção no decorrer do processo instrucional para a prática do esporte de aventura, o instrutor precisa atentar para as especificidades apresentadas por cada modalidade. Dependendo da modalidade, por exemplo, um grupamento muscular poderá ser mais solicitado que outros a partir de um tipo de contração muscular (isotônica e isométrica); têm-se também as influências da altitude e a intensidade predominante de sua prática.

De uma maneira geral, apesar da inexistência de uma normatização da formação dos sujeitos para atuação como instrutor de esporte de aventura, prevalece, no imaginário social das pessoas nesta contemporaneidade, a estreita relação do esporte de aventura e o risco. Isso porque, os praticantes da referida vertente esportiva, ora denominados pela mídia *esporte radical* e/ou de *esporte de aventura e risco calculado na natureza*, também obedecem à lógica de um sistema que articula um mundo real, cercado pela incerteza com a necessidade de ações ousadas capazes de lidar com o inusitado a cada instante.

Conclusões

Entre os instrutores de esporte de aventura atuantes no Estado de Minas Gerais, observou-se a prevalência do sexo masculino sobre o feminino na condução das diferentes modalidades. Entre os principais motivos que contribuem para a adesão do indivíduo como instrutor de esporte de aventura, bem como a sua permanência nesse segmento profissional, encontra-se primeiramente a sua experiência prática em diferentes modalidades na condição de praticante. Somado a isso, tem-se a natureza como espaço privilegiado no qual se efetivam as práticas, o risco, as fortes emoções e

a oportunidade de manter-se próximo à natureza.

No tocante aos procedimentos necessários na condução das práticas corporais na natureza, no que se relaciona à preservação do meio natural prevalece entre os instrutores uma visão positiva sobre possíveis impactos nos diferentes meios naturais em decorrência da prática de esporte de aventura. Trata-se de uma percepção que nem sempre condiz com a realidade. Essa percepção equivocada, dentro de uma proporcionalidade, abre espaço para se considerar fatores capazes de desencadear tal percepção, como a demasiada confiança e positividade em suas vivências práticas pelos instrutores, bem como a forma como geralmente são tratadas as questões que envolvem educação ambiental, lazer e ecoturismo. Soma-se a esses possíveis fatores, o fato de tratar-se de práticas corporais, nas quais os praticantes empregam diversificados recursos biotecnológicos para ampliar as possibilidades de prática, como artefatos mecânicos e/ou tecnológicos, artefatos de motor, animais e o próprio corpo, somado as movimentações intensificadas de pessoas e automóveis, ruídos e alterações em locais onde se realizam eventos de lazer e competições. Nessa perspectiva, corre-se o risco de a natureza ser percebida pelas pessoas, incluindo-se aí os instrutores, como simples cenário para vivenciar situações de risco, fortes emoções, vertigem, como ainda o predomínio de interesses econômicos sobre essas práticas corporais na natureza.

Os procedimentos relacionados à preservação do meio natural se mostram dependentes de uma conscientização ecológica, a qual indubitavelmente deverá iniciar muito cedo na vida do indivíduo, através da educação ambiental, dos valores éticos exercitados na família, considerada, ainda, o primeiro e mais importante grupo social, na escola e por meio de associações e entidades que delineiam a sociedade.

Em suma, um dos caminhos a ser considerado, com vistas a minimizar possíveis danos ambientais advindos da prática dos esportes de aventura está na compreensão de todos os envolvidos na promoção dessa vertente, como empresas, mídia, instrutores e praticantes, das diferentes implicações resultantes da interação dos seres humanos com o meio natural o que, em outras palavras, é denominado de consciência ecológica.

No que concerne aos procedimentos relacionados à segurança e cuidados com o aprendiz ou praticante de uma ou mais modalidades de esporte de aventura, com exceção dos instrutores que se encontram no nível de formação do ensino médio, que não percebem o condicionamento físico motor como um dos procedimentos necessários na prática de uma ou mais modalidades de esporte de aventura pelo aprendiz e/ou praticante, e com base nos resultados dos instrutores com formação em nível superior em Educação Física e demais áreas do conhecimento, é possível afirmar a percepção destes últimos que, assim como as modalidades de esporte tradicional, as diferentes modalidades de esporte de aventura demandam do praticante formas complementares de preparação físico motora.

Por fim, tendo em vista os resultados que evidenciam um quadro difuso e preocupante com relação à percepção do instrutor com relação aos procedimentos necessários à prática de esporte de aventura, tem-se que, ainda que seja em um nível básico, os instrutores de esporte de aventura precisam acessar esse conhecimento para uma atuação capaz de proporcionar uma preparação condizente e segura ao aprendiz/praticante que busca esse tipo de serviço.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

Referências

1. Ashcroft FM. Life at the extremes: the science of survival. London: Harper Collins; 2001.
2. Le Breton D. Passions du risque. Paris: Métailié; 2000.
3. Brasil. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC; 2017.
4. Paixão JA, Tucher G. Risco e aventura por entre as montanhas de Minas: a formação do profissional de esporte de aventura. Pensar a Prática. 2010; 13(3): 1-13.
5. Thomas JR, Nelson JK, Silverman SJ. Métodos de pesquisa em atividade física. 6. ed. Porto Alegre: Artmed; 2012.
6. Duffield C. The Delphi Technique: a comparison of results obtained using two expert panels. Luft. Journal of Nursing Study. 1993; 30(3): 21-27.
7. Fehring RJ. Methods to validate nursing diagnoses. Heart Lung. 1987; 16(6): 25-34.
8. Tardif M, Raymond D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. Revista Educação & Sociedade.

2000; 21(73): 209-244.

9. Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social 6. ed. São Paulo: Atlas; 2008.

10. Costa VLM. Esportes de aventura e risco calculado na montanha: um mergulho no imaginário. São Paulo: Manole; 2000.

11. Jordan DJ. Effective leadership for girls and women in outdoors recreation. *Journal of Physical Education. Recreation and Dance*. 2014; 63(2): 12-23.

12. Bruhns HT. Turismo, lazer e natureza. São Paulo: Manole; 2003.

13. Silva RL. As emoções das atividades físicas de aventura na natureza e a ressignificação do papel feminino. [Dissertação de Mestrado]. Rio Claro, (SP): Instituto de Biociências, Universidade Federal Paulista; 2014.

14. Collins L, Collins D. Decision Making and Risk Management in Adventure Sports. *Coaching Quest*. 2013; 65(2): 72-82.

15. Maroun K, Vieira V. Impactos ambientais positivos são possíveis nos esportes praticados em ambientes naturais? *Revista Digital*. 2016; (12).

16. Marinho A. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. In: Almeida, APC, Costa, LPC, organizadores. Meio ambiente, esporte, lazer e turismo. Rio de Janeiro (RJ): Editora Gama Filho; 2007. p. 311-319.

17. Bentley TA, Page SJ. A decade of injury monitoring in the New Zealand adventure tourism sector: a summary risk analysis. *Tourism Management*. 2008; 29(4): 857-869.

18. Wilmore JH, Costill DL. Fisiologia do esporte e do exercício. 4. ed. São Paulo: Manole; 2010.

19. Greco CC. O treinamento físico e as atividades na natureza. In: Schwartz GM, organizadora. Aventuras na natureza: consolidando significados. São Paulo: Fontoura; 2006. p. 25-37.